

Haar, Michel 1999: *La philosophie française entre phénoménologie et métaphysique*. Paris, Presses Universitaires de France. ISBN 2-13-049752-7

SCARLETT MARTON

Metafísica se diz de várias maneiras. É a tentativa de conhecer o que não é passível de ser conhecido, o que se põe além dos limites da experiência sensível, no entender de Kant; consiste em inventar um mundo verdadeiro, essencial, imutável e eterno, em detrimento deste em que nos encontramos aqui e agora, de acordo com Nietzsche; diz respeito a um pensar que, por não se colocar a pergunta pelo Ser, acaba por encerrar-se nos parâmetros exclusivos do ser do ente, na ótica de Heidegger.

Nenhuma dessas posições, no entanto, ganha adesão unânime dos filósofos franceses contemporâneos; nenhuma delas parece capaz de agregar Sartre, Merleau-Ponty, Derrida, Michel Henry e Lévinas. Ora, o mais recente livro de Michel Haar persegue o objetivo de mostrar que, por trás da aparente falta de consenso na filosofia francesa contemporânea, existe um pólo

aglutinador. E ele reside justamente no fato de ela jamais colocar-se como tarefa empreender a “destruição da metafísica”.

Reunindo cinco ensaios de notável rigor analítico, Michel Haar empenha-se, com *A filosofia francesa entre fenomenologia e metafísica*, em questionar a partir dessa perspectiva a empresa filosófica dos cinco pensadores franceses. Enquanto Sartre e Merleau-Ponty parecem indiferentes à destruição da metafísica, não vendo o interesse que uma tentativa nessa direção possa apresentar, Michel Henry e Lévinas chegam a entender a metafísica de forma extremamente positiva. Concebendo-a como a relação de transcendência pela qual o ente se torna suscetível de acolher o Outro e de, ultrapassando-se, converter-se no Outro, Lévinas desloca-a do terreno teórico para o domínio ético. Julgando que o acontecimento metafísico *par excellence* reside na imanência da identidade a si, imanência essa que o sentimento revela, Michel Henry pensa a afetividade do sujeito por si mesmo como o absoluto. Por outro lado, se Lévinas retoma o termo metafísica num sentido não-crítico, Derrida dele, faz um uso estritamente pejorativo; e não chega a definir o que entende por metafísica, limitando-se ora a identificá-la com a presença pura ora a remetê-la a um sistema de oposições binárias.

Mas não se detém aí o trabalho de Michel Haar. A estratégia a que ele recorre é tal que, ao perguntar pela relação que os diferentes pensadores entretêm com a “questão da metafísica”, termina por investigar os móveis que presidem os seus escritos. É com perspicácia que põe em cena a trama de seus textos, que traz à luz a argúcia de suas elaborações, que revela a astúcia de seus projetos.

Que se retome, por exemplo, o ensaio “Proximidade e distância em relação a Heidegger no último Merleau-Ponty”. Nele, o autor analisa duplamente a distância e a proximidade. Seu ponto de partida consiste em questionar as razões que levaram Merleau-Ponty a abandonar a atitude crítica em relação a Heidegger e a dele sentir-se próximo a partir de 1959, com *O visível e o invisível*. Ainda presente na metafísica pós-cartesiana, a subjetividade persiste em Husserl com a figura do Eu transcendental constituinte. Na tentativa de libertar a fenomenologia desse fardo, Merleau-Ponty acaba por atribuir à subjetividade, sob a forma de propriedades do corpo, o que são os traços do Ser. Na *Fenomenologia da percepção*, ao descentrar o sujeito, ele é sem dúvida tributário da obra de Heidegger. Contudo, além de não reconhecer tal proximidade, insiste, então, em marcar distância. Mas, aqui, estamos apenas no início do caminho trilhado pelo au-

tor do ensaio em questão. Pois, trata-se para Michel Haar de fazer ver que, embora atraído pelo pensamento do Ser e pela superação da subjetividade, o último Merleau-Ponty não pode impedir que sua ontologia resvale numa metafísica. É, pois, no momento em que se quer próximo de Heidegger que dele mais se distancia.

Que venha à baila, ainda, o ensaio “O jogo de Nietzsche em Derrida”. Aqui, o autor examina as dificuldades que a excessiva proximidade de Derrida em relação a Nietzsche acarreta. É certo que o pensador francês se recusa, desde o início, a inscrever o autor de *Zaratustra* na tradição metafísica, como fez Heidegger. E assim rejeita que a filosofia nietzschiana possa deixar-se aprisionar como mera inversão do platonismo. É certo ainda que tem em Nietzsche bem mais do que referência privilegiada, inspiração ou modelo; a ele jamais aplica a desconstrução, sobre ele jamais faz incidir a suspeita. Sem nunca deixar de poupá-lo, dele toma de empréstimo temas, estratégias, direções. Mas nem por isso se pode dizer que seja nietzschiano. Quem seria, pois, Nietzsche para Derrida? Ora, é justamente esta questão que Michel Haar toma como ponto de partida no ensaio em pauta. Assinalando a ausência, nos escritos do autor da *Gramatologia*, de um corpo a corpo com a doutrina nietzschiana da origem da linguagem,

com a idéia de que na palavra sobrevive algo da experiência corporal, com a genealogia do estilo, ele bem mostra que, para fazer de Nietzsche um filósofo à sua imagem e semelhança, Derrida se vê obrigado a negligenciar a teoria das forças, a filosofia da vida e do cosmos.

Que se lembre, por fim, do ensaio “Sartre contra Heidegger: uma defesa cega da metafísica”. Então, o autor começa por perguntar-se por que Sartre procura contrapor-se com tanta veemência a Heidegger, por que procura confrontar cada uma de suas posições filosóficas com as dele sempre no intuito de refutá-las. Esse insistente confronto, essa contraposição persistente, esconderia por um lado uma cumplicidade não admitida; tanto é que várias das teses de *O Ser e o Nada* encontram inspiração em *Ser e Tempo*. Revelaria, por outro, um receio oculto; afinal, as conseqüências acarretadas pela destruição da metafísica da subjetividade, empreendida por Heidegger, representam uma ameaça para Sartre. Empenhar-se em fazer ver que, na verdade, o filósofo francês não pôde enfrentar o problema da metafísica, não pôde pôr em questão o primado da subjetividade, é o que faz o autor deste ensaio. Examinando de que maneira se contrariam as concepções que Sartre e Heidegger têm da consciência e do *Dasein*, de que forma se opõem suas interpretações do nada e da angústia, do outro e da morte, en-

fim, de que modo se contrapõem as perspectivas da metafísica e da ontologia, ele deixa claro em que medida, neste embate, Sartre se distancia de Heidegger, mesmo quando dele julga estar próximo.

Autor de diversos escritos sobre Nietzsche e Heidegger, Michel Haar a eles recorre como instrumentos de trabalho. A partir deles, questiona as atitudes filosóficas de cada um dos cinco pensadores que examina. Mas não se contenta em pôr em cena Merleau-Ponty, Sartre, Lévinas, Derrida e Michel Henry – e tampouco como fazê-los dialogar com Heidegger e Nietzsche. Investiga ainda como se posicionam em relação à fenomenologia. É desta herança que partem Sartre e Merleau-Ponty; é ela também que obriga Derrida a distanciar-se da física nietzschiana; e, sob outra roupagem, é enquanto “fenomenologia do absoluto” que se faz presente na obra de Lévinas e de Michel Henry, na medida em que entendem ambos que o absoluto – seja a transcendência do Outro ou a imanência da identidade a si – se dá num encontro imediato.

Estes são alguns dos pontos que fazem de *A filosofia francesa entre fenomenologia e metafísica* um profundo inventário crítico. Se, com ele, Michel Haar conclui pela persistência da metafísica no pensar filosófico francês hoje, através dele, deixa clara sua própria posição. Com a metafísica da subjetividade, por certo, ela não comunga.